

Palavra Operária

Um jornal contra a exploração e a opressão capitalista

Nº 23 - 28 de março de 2025 - Ano VI



O imperialismo
sob Trump

RICK **VAT**

1º DE MAIO O BRASIL VAI PARAR!

Trabalhador, uma falga nunca foi suficiente. Agora é o momento de lutar para que a escala 6x1 tenha juro da sua parte em todo o Brasil!

01.05 Dia do Trabalhador
02.05 Prolongamento

Escaneie o QRcode para ter acesso às nossas redes sociais e assinem também a nossa petição.

O trabalhador está cansado de exploração! O fim da escala 6x1 depende do nosso united! Vamos tomar as ruas e mostrar a nossa força!

Enquanto você não lutar pelo que realmente importa, você merece de trabalhar para que seu patrão fique cada vez mais rico.

Não é normal a vida correr tão rápido! Revolte-se, lute por uma #vidadecadaooperario!

Trabalhador, um tempo acabou! Não aceite mais condições de trabalho que não sejam as suas! Lute por uma vida melhor!

Pronto atreção na imagem e reflete sobre o significado do frase.



**VAT chama
paralisações em 1º
e 2 de Maio pelo
Fim da Escala 6x1**

**21 de março:
A luta contra o
racismo é
internacional**

**Barrar o projeto
de militarização
das escolas
públicas em SP**

A luta pelo fim da Escala 6x1 e Redução da Jornada de Trabalho



Greve das trabalhadoras e trabalhadores terceirizados da Prefeitura de Belo Horizonte pela redução da jornada de trabalho



Com estas propostas do GOI-Palavra Operária buscamos dialogar com o movimento VAT (Vida Além do Trabalho) e os sindicatos e organizações agrupados em torno à CSP-Conlutas, sobre as tarefas de mobilização e organização desta luta.

1) A redução da jornada de trabalho é uma reivindicação e luta histórica da classe trabalhadora. No período atual, de degeneração terminal do sistema capitalista-imperialista, a burguesia impõe jornadas cada vez mais longas e ritmos de trabalho cada vez mais intensos. As reformas que eliminam direitos trabalhistas em todo o mundo visam a eliminar todos os limites legais à exploração capitalista, que foram conquistados ao longo das lutas operárias no século passado.

2) É nesse contexto geral que vem se desenvolvendo a recente luta pelo fim da escala 6x1 e redução da jornada para 36h semanais no Brasil. O apoio a estas reivindicações, que vem crescendo no proletariado, é uma resposta à intensificação da exploração após a reforma trabalhista de 2017. As greves da PepsiCo e das/os terceirizados da Prefeitura de Belo Horizonte foram importantes lutas recentes contra as jornadas abusivas e demonstraram o potencial desta luta no proletariado.

3) A burocracia sindical e parlamentar do PT/CUT, PCdoB/CTB, Força Sindical e demais centrais e sindicatos pelegos há muito abandonou a luta pela redução da jornada de trabalho, sendo responsáveis pela traição da Greve Geral de 2017, o que abriu caminho

para a aprovação das reformas antiproletárias de Temer e Bolsonaro. Portanto, o anseio da classe trabalhadora por uma jornada de trabalho mais humana carece de uma direção de luta desde suas organizações de classe, os sindicatos.

4) É neste vácuo de direção política e sindical que surge o movimento VAT (Vida Além do Trabalho), organizado nas redes sociais por Rick Azevedo, jovem trabalhador no regime da escala 6x1. O VAT, através de um Abaixo Assinado online e algumas manifestações, conseguiu obter o apoio de milhões de trabalhadoras e trabalhadores ao fim da escala 6x1, dando nova vida à luta pela redução da jornada de trabalho. Isto culminou com a apresentação de uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC) no Congresso Nacional, pela deputada federal Erika Hilton (PSOL), que está tendo muito impacto sobre a burguesia e apoio na classe trabalhadora.

5) Os diferentes setores do patronato já se posicionaram totalmente contra o projeto. O governo Lula-Alckmin, completamente servil à burguesia, não se dispõe a mover nenhuma palha em defesa da redução da jornada. Sobretudo nesta conjuntura em que intensifica os ataques à classe trabalhadora através do Pacote Fiscal recentemente aprovado no Congresso, que antecipa novos ataques aos salários e direitos, planejados pelo governo. Do Congresso Nacional, de maioria patronal e corrupta, nada podemos esperar. Menos ainda dos governos estaduais, a exemplo de Tarcísio de Freitas em São Paulo, que vêm aplicando planos duros que têm avançado na privatização, terceirização e precarização.

6) Este quadro político evidencia que a tática traçada pelo movimento VAT, com apoio de Erika Hilton, Guilherme Boulos e da direção do PSOL, está fadada ao fracasso. Qual é esta política? A de buscar aprovar a PEC a partir de negociações com os partidos e políticos patronais e de conversas com os diferentes setores do patronato, fazendo aqui e acolá algumas manifestações de rua, com o objetivo de pressionar os patrões e seus políticos. Porém, esta política de reformismo parlamentar gera grandes expectativas, sobretudo no jovem proletariado, ainda com pouca experiência de luta de classes. O chamado do VAT a paralisações no dia 1º e 2 de Maio é um avanço para uma política de mobilização da classe trabalhadora.

7) O fim da escala 6x1 e a redução da jornada para 36h semanais requer uma dura luta do conjunto da classe trabalhadora, desde os locais de trabalho. Estas duas reivindicações devem ser tomadas em conjunto, para abarcar todos os segmentos da classe trabalhadora, que se encontram hoje submetidos às mais diferentes formas e escalas de superexploração do trabalho. Ao mesmo tempo, devem ser ligadas a todas as demandas que afligem as trabalhadoras e trabalhadores nas empresas, principalmente a luta por melhores salários, contra os cortes de direitos e o assédio moral. Nosso desafio é fazer com que as próprias trabalhadoras e trabalhadores tomem em suas mãos esta luta, transformando-a num verdadeiro movimento nacional de luta de toda a classe trabalhadora. E, neste processo, devemos ir acompanhando pacientemente a sua experiência concreta com o reformismo parlamentar, propondo medidas de luta adequadas ao amadurecimento de sua consciência, mobilização e organização.

UNIFICAR A LUTA

É preciso construir a Frente Única de todos os setores que lutam pelo fim da escala 6x1 e pela redução da jornada para 36h semanais.

Esta luta encontra-se neste momento dividida, com iniciativas isoladas dos dois setores que a estão tomando, o Movimento VAT e as correntes políticas, sindicatos e movimentos vinculadas à CSP-Conlutas.

É preciso superar esta divisão e avançar para uma luta unificada.

Além disso, é preciso denunciar o imobilismo da CUT, Força Sindical, UGT e demais centrais burocráticas, exigindo que mobilizem suas bases pra lutar pela redução da jornada.

ORGANIZAR A LUTA NOS LOCAIS DE TRABALHO

Para dar um verdadeiro caráter de massas a esta luta é preciso dar total prioridade à agitação e propaganda nas empresas onde se encontram as trabalhadoras e trabalhadores, visando à sua conscientização, mobilização e organização.

Batalhar pela construção de Comissões nos locais de trabalho que reúnam as trabalhadoras e trabalhadores mais conscientes, para que tomem em suas mãos a organização da luta.

Com o objetivo de coordenar os esforços de todas as correntes, sindicatos e movimentos presentes na Plenária, propomos que sejam organizadas plenárias por região e cidades.



A greve dos operários e operárias da Pepsico de Itaquera e Sorocaba durou 10 dias, e conquistaram 1 sábado livre por mês, em troca de 20 minutos a mais na jornada diária.

Carta Aberta ao Movimento VAT

Reconhecemos a importância histórica da luta pelo fim da escala 6x1 e pela redução da jornada de trabalho para 36 horas semanais, uma pauta urgente para toda a classe trabalhadora, que enfrenta condições de trabalho e escalas extenuantes em diversas categorias.

Consideramos que o VAT tem desempenhado um papel central na luta pelo fim da escala 6x1 e que está correto o chamado à mobilização dos trabalhadores e trabalhadoras para garantir essa conquista. Nesse sentido, **apoiamos o chamado do VAT à realização de mobilizações e paralisações nos dias 1º e 2 de Maio.**

Contudo, para que essa luta alcance vitórias, consideramos fundamental fortalecer a unidade e a organização da luta pela base nos locais de trabalho, ampliando os espaços democráticos de decisão.

Nos preocupa também a fragmentação do movimento e a disputa pela "pauta" em detrimento da unidade. O nosso objetivo comum deve ser levar esta luta para dentro dos locais de trabalho, estudo e moradia, garantindo que os trabalhadores tenham confiança e condição de paralisar suas atividades.

Com este objetivo, apresentamos duas propostas ao movimento VAT.

1) **Propomos que o VAT chame uma reunião nacional**, aberta a todas as entidades sindicais, movimentos e organizações políticas de luta da classe trabalhadora, para organizar coletivamente a paralisação de maio, e que sejam formadas **comissões unitárias de mobilização nas cidades e regiões**, para que a luta seja organizada de forma unitária e democrática.

Precisamos construir uma Frente Única de todos os setores que lutam por essas bandeiras, superando as divisões existentes entre o Movimento VAT e as correntes, sindicatos e movimentos ligados à CSP-Conlutas que estão organizando também esta luta. Além disso, consideramos essencial que o VAT combata o imobilismo da CUT, CTB, Força Sindical e UGT e seus sindicatos, fazendo um chamado público para que assumam essa pauta e mobilizem suas bases.

2) **Chamamos o VAT a batalhar pela construção de Comissões nos locais de trabalho**, formadas pelas trabalhadoras e trabalhadores mais conscientes, para que tomem em suas mãos a organização da luta. Para dar um caráter de massas à mobilização, é preciso priorizar a agitação e a propaganda direta nos locais de trabalho, promovendo a conscientização e organização da classe trabalhadora.

Seguimos na construção de um movimento forte, unitário e enraizado nas bases da classe trabalhadora. Nossa luta é pela dignidade de todos os trabalhadores e trabalhadoras.



1º DE MAIO O BRASIL VAI PARAR!

Trabalhador, **uma folga nunca foi suficiente.**
Agora é o momento de lutar pelo que é nosso! Vamos juntos às ruas pelo fim da escala 6x1!

Redução da jornada de trabalho sem redução salarial.

01.05 Dia do Trabalhador
Todos nas ruas do Brasil inteiro exigindo o #fimdaescala6x1!

02.05 Prolongamento
Todos em casa, em protesto exigindo o #fimdaescala6x1!



Escaneie o QRcode para ter acesso às nossas redes com as atualizações e assine também a nossa petição.
(Não esqueça de confirmar a assinatura via e-mail)

O trabalhador está cansado de exploração! O fim da escala 6x1 depende da nossa união! Vamos tomar as ruas e mostrar a nossa força!

Enquanto você não lutar pelo que realmente importa, **você morrerá de trabalhar** para que seu patrão fique cada vez mais rico.

Não é normal a vida corrida que você leva. **Revolte-se, lute por uma #vidaalémdotrabalho.**



Preste atenção na imagem e reflita sobre o significado da frase.

Homenagem

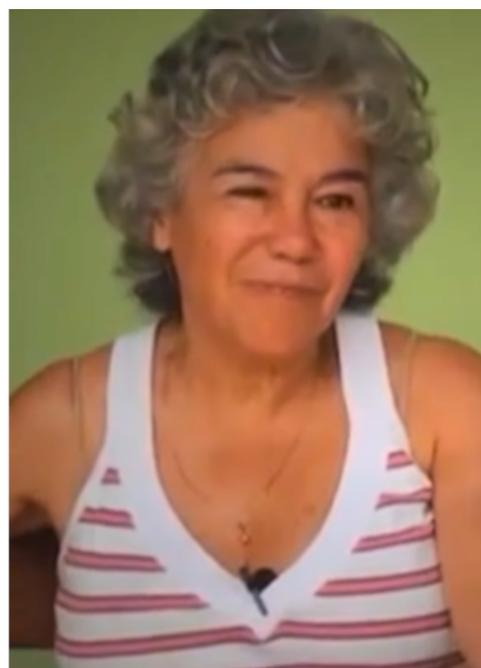


AMÉRICO GOMES

No dia 19 de março, morreu Américo Gomes, militante da LIT (Liga Internacional dos Trabalhadores) e do PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado).

O proletariado perde um valoroso e devotado combatente pela revolução socialista.

O GOI/Palavra Operária manifesta seu pesar a todas/os camaradas, amigos e familiares de Américo.



MARIA JOSÉ LOURENÇO

Em 24 de março, faleceu Maria José Lourenço, a Zezé, uma das fundadoras da Convergência Socialista.

Mulher negra e internacionalista, Zezé foi uma das principais formadoras dos quadros revolucionários que deram início, no final dos anos 1970, à construção no Brasil da corrente trotsquista liderada por Nahuel Moreno.

Manifestamos nossos pêsames aos camaradas, amigos e familiares de Zezé.

Com seus exemplos, a nossa luta continua.



O imperialismo sob Trump



Imagem extraída do vídeo *Trump Gaza*, que projeta a Faixa de Gaza transformada na “Riviera do Oriente Médio”



Com este texto iniciamos uma série de artigos de análise sobre a ascensão de Donald Trump ao poder nos Estados Unidos e suas consequências para a crise do imperialismo e a luta de classes no mundo.

Seguindo o estilo “motosserra” do presidente argentino Javier Milei, Donald Trump iniciou seu novo governo com medidas de choque em vários terrenos, causando verdadeiro pânico no establishment da democracia estadunidense e nos aliados da OTAN (Canadá e União Europeia). O pânico nas hostes dos setores “democráticos” do imperialismo só tem sido superado pelo verdadeiro terror que se instalou na esquerda domesticada, no Brasil representada pelo PT, PSOL, PCdoB e as correntes da “esquerda socialista” que capitulam a estes aparatos.

Vejamos as principais medidas adotadas por Trump e seu governo, composto por expoentes da direita pró-fascista estadunidense e apoiado pelos grandes monopólios da Tecnologia (as big techs) e trustes financeiros, como o Black Rock.



Imigrantes presos e amontoados em jaulas num Centro de Detenção no Texas

Caçada racista e deportação de imigrantes “ilegais”

A primeira medida de impacto foi a caça aos imigrantes taxados como “ilegais”, com prisões e deportações aos países de origem. Estes ataques aos imigrantes não são novidade nos Estados Unidos, e nem sequer disfarçam seu cunho racista, ao atingir a uma maioria de imigrantes não brancos de países latinoamericanos e caribenhos, chineses e hindus.

Durante os 4 anos do governo Biden foram deportados cerca de 700 mil imigrantes. O recorde de deportações ocorreu nos 8 anos de governo Barack Obama, quando mais de 3 milhões de pessoas foram expulsas do país.

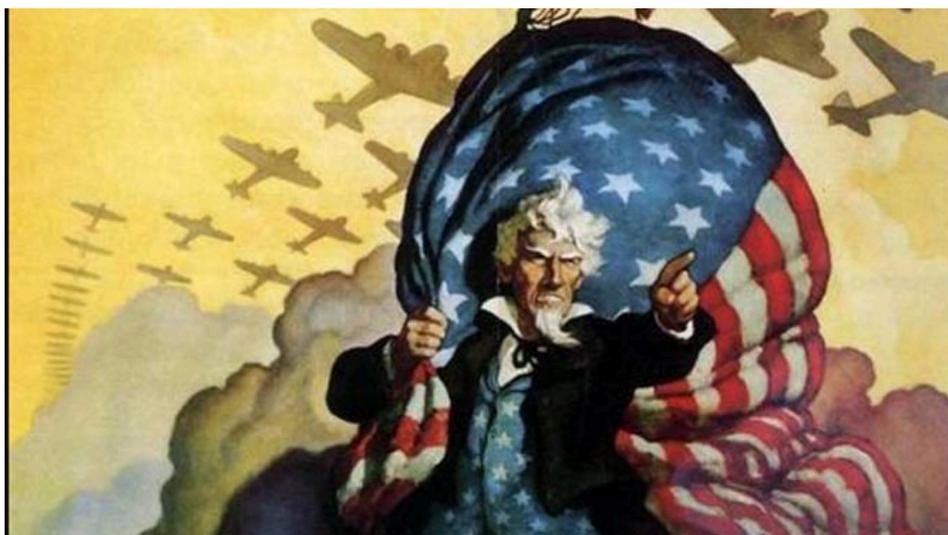
Apesar de todo o estardalhaço, nos primeiros 30 dias de seu governo Trump deportou 37.660 pessoas, bem abaixo da média mensal de 57.000 de Biden. A prisão de imigrantes chegou a 47.600, atingindo a capacidade máxima dos Centros de Detenção de Imigrantes nos Estados Unidos. Contudo, estes números tendem a crescer com a utilização da base de Guantánamo, em Cuba, e com os acordos com os governos da Guatemala, El Salvador, Panamá e Costa Rica para receber em suas prisões imigrantes de outras nações.

Junto com isso, Trump pressiona os governos dos países latinoamericanos a reprimir a imigração dentro de suas fronteiras. As retaliações comerciais anunciadas por Trump em resposta a Gustavo Petro, que ameaçou não receber os aviões de deportados para a Colômbia, e o pronto recuo do presidente colombiano, foi uma demonstração de força dos Estados Unidos que deixou a nu a impotência da esquerda domesticada latino-americana para enfrentar, de fato e não apenas em palavras, o imperialismo ianque.

Trump faz um amálgama entre a imigração “ilegal” e o tráfico de drogas, acusando o México e o Canadá pela entrada do fentanil nos Estados Unidos e fazendo ameaças colonialistas diretas, do tipo da “anexação do Canadá como 51º estado estadunidense” ou

veladas, como a que se deduz da ameaça ao México, feita durante seu discurso no Congresso: *"O território imediatamente ao sul da nossa fronteira é agora inteiramente dominado por cartéis criminosos que assassinam, estupram, torturam e exercem controle total. Eles têm controle total sobre uma nação inteira, representando uma grave ameaça à nossa segurança nacional"*.

A violência racista exibida pelos agentes do governo na caça aos imigrantes tem como objetivo semear o terror nos setores da população latinoamericana e caribenha, desesperados ou cheios de esperanças, que cruzam os mares e terras do continente em direção à "meca" do capitalismo, em busca de uma vida melhor. Resta saber se o terror que lhes espera dentro dos Estados Unidos lhes incutirá mais medo do que a fome e o desemprego em seus países e as longas e perigosas jornadas da imigração "ilegal".



“Guerra comercial” e “diplomacia das canhoneiras”

Para surpresa de todos (inclusive nos meios da esquerda revolucionária) que alardeavam a iminente “guerra comercial” com a China, além deste país, os tarifários de Trump atingiram em cheio aos seus dois “parceiros” econômicos vizinhos, México e Canadá, países que se encontram no topo das relações comerciais com os Estados Unidos, com uma economia altamente integrada e subordinada aos monopólios ianques, através do NAFTA. As tarifas sobre o aço e o alumínio atingiram um número ainda maior de países, entre eles o Brasil. E anuncia-se um supertarifário sobre todos os países, para 2 de abril.

As ameaças coloniais de retomada do Canal do Panamá foram concretizadas rapidamente através da compra dos principais portos do canal pelo grupo econômico estadunidense Black Rock, o truste mais poderoso do planeta, um “banco sombra” (sistema financeiro não regulamentado), dono de um capital de cerca de 12 trilhões de dólares. Outro objetivo econômico e militar anunciado por Trump é a tomada de posse da Groenlândia (maior ilha do mundo, colonizada pela Dinamarca), através de compra ou por outros meios.

O novo governo ignora olímpicamente a OMC (Organização Mundial do Comércio), fazendo letra morta do GATT (Acordo Geral de Tarifas e Comércio) e demais acordos que, desde o final da II Guerra Mundial, visam à “competição saudável” entre os monopólios capitalistas, ao “equilíbrio das relações de troca” e ao “livre comércio” entre as nações.

Contudo, surpresa maior estava reservada às organizações (inclusive trotsquistas) que caracterizam a guerra na Ucrânia como uma “guerra de procuração” contra a Rússia, a serviço dos Estados Unidos e da União Europeia, aliados na OTAN. Dando um giro de 180° na política do imperialismo ianque, Trump se alinhou com a Rússia, negociando diretamente com Putin a entrega das regiões já ocupadas pelas tropas russas (regiões orientais de Donetsk e Luhansk) e a Criméia anexada.

Para pressionar pela capitulação da Ucrânia, Trump suspendeu a “ajuda” militar de armas e logística ao país, o que, devido à política de guerra de Zelenski, totalmente dependente do imperialismo, foi um golpe mortal na capacidade dos ucranianos se defenderem da agressão imperialista de Putin. E para garantir seu quinhão na partilha da Ucrânia, Trump impôs um “acordo” colonial que obriga o país a ceder aos Estados Unidos os direitos de exploração de metais raros (já aceito por Zelenski), e quer impor também uma “indenização” de 500 bilhões de dólares sobre a suposta “ajuda” militar estadunidense.



A humilhação de Zelenski na Casa Branca foi um recado a todas as nações subordinadas ao imperialismo ianque. E também uma demonstração pública e ao vivo do desdenho de Trump e seu vice, JD Vance, pelas convencionalidades diplomáticas, sob as quais a submissão das nações semicoloniais pelos países imperialistas é escondida através de fotos sorridentes e tapinhas nas costas de “líderes” como Zelenski, Lula, Boric, Petro e outros nas reuniões da ONU, do G20, do Fórum de Davos e outros organismos “multilaterais”.

A “falta de modos” diplomáticos de Vance já tinha alarmado os governantes da União Europeia, reunidos em 14 de fevereiro, na Conferência de Segurança dos países imperialistas, na Alemanha, quando criticou os aliados europeus da OTAN por se “afastarem dos valores democráticos”, afirmando que não estava claro de quem a Europa precisava se defender. As palavras do vice de Trump estavam alinhadas com as iniciativas unilaterais do novo governo estadunidense, de tomar diretamente para si a “resolução” do “problema” na Ucrânia ignorando os países imperialistas europeus.

Os governantes europeus entenderam o recado, e responderam com uma reunião de emergência em Bruxelas, em 6 de março, com a participação de Zelenski. Contudo, sua resposta diplomática nada mais fez do que demonstrar sua divisão e impotência diante

do imperialismo dos Estados Unidos e da Rússia. Cinco dias após esta reunião, Zelenski capitulou às imposições de Trump e Putin, numa reunião feita na Arábia Saudita entre representantes da Ucrânia e dos Estados Unidos, sem a participação da União Europeia.

Antes de tomar para si a “resolução” do “problema” da Ucrânia, Trump já havia enviado a Israel seu assessor especial, o amigo e colega do ramo da especulação imobiliária, Steve Witkoff, para negociar o cessar fogo na guerra genocida de Israel contra o povo palestino na Faixa de Gaza. O breve cessar fogo, seguido da troca de reféns israelenses por prisioneiros palestinos, foi acertado diretamente com o primeiro ministro israelense, Benjamin Netanyahu, assim como o posterior anúncio do plano de “transferência” da população palestina de Gaza para transformá-la na “Riviera do Oriente Médio”, sob domínio dos Estados Unidos.

A velha política imperialista conhecida como a “diplomacia das canhoneiras”, quer dizer, as ameaças colonialistas baseadas no poder econômico e militar, é a base da política imperialista de Trump.

A bonapartização do regime

O novo governo de Trump é reflexo de uma tendência mundial de bonapartização dos regimes políticos, consequência da crise crônica das democracias burguesas em todo o planeta. É preciso estudar as particularidades da degeneração da “democracia” estadunidense, e suas consequências sobre o conjunto do sistema imperialista. Trump aplica uma política consciente e consistente de bonapartização do regime: a centralização do poder, em que se destaca a criação do DOGE e os ataques aos direitos democráticos. Esta política tende a acirrar a luta de classes nos Estados Unidos.



Trump e Musk em reunião no gabinete presidencial da Casa Branca

O DOGE de Musk e o “estado mínimo”

Com a justificativa de “aumentar a eficiência e a tecnologia” no serviço público federal, Trump criou o Departamento de Eficiência Governamental (DOGE nas siglas em inglês),

sob o comando do bilionário Elon Musk, que passou a atuar com plenos poderes sobre todos os órgãos do executivo federal. O DOGE tem assumido diretamente o controle de agências governamentais, passando por cima da estrutura de divisão do poder entre ministérios, departamentos e agências.

Agências tradicionais do imperialismo ianque, como a USAID (Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional), utilizada para a dominação política e ideológica dos países semicoloniais, estão sendo desmanteladas. O próprio Pentágono, o poderoso Departamento de Defesa dos Estados Unidos, a Nasa, a Agência Espacial, e o Departamento de Comércio estão na mira do furacão Musk.

Na reunião do gabinete presidencial, em 26 de fevereiro, Musk justificou as ações do DOGE: *“O objetivo geral aqui com a equipe DOGE é ajudar a resolver o enorme déficit. Simplesmente não podemos sustentar como país um déficit de US\$ 2 trilhões. Se não fizermos isso, a América irá à falência. É por isso que tem que ser feito”*.

A política de cortes de gastos e funcionários atinge principalmente os programas que financiam escolas, fornecem moradia e garantem o acesso de pessoas de baixa renda à assistência médica. A ofensiva do DOGE já levou à demissão de milhares de funcionários com contratos temporários, e está em curso um PDV (Plano de Demissão Voluntária), ao qual, até o início de fevereiro, já tinha aderido cerca de 1% (20 mil) do total de 2,3 milhões de funcionários públicos federais. Musk defende "reduções massivas" no quadro de servidores federais, prometendo que o DOGE trabalharia com agências dos EUA para "identificar o número mínimo de funcionários" necessários para executar funções essenciais.

Com a criação do DOGE e a avalanche de “ordens executivas” presidenciais, iniciada desde o dia de sua posse, Trump coloca em prática a teoria do executivo unitário, que afirma que o presidente tem poder absoluto sobre o ramo executivo, defendida por seus apoiadores da direita pró-fascista, organizados no Projeto 2025. Este projeto, também conhecido como Projeto de Transição Presidencial, foi base do programa de governo de Trump nas eleições, e contém um conjunto de propostas para remodelar o governo dos Estados Unidos, elaboradas pela Heritage Foundation, uma importante organização que reúne a direita pró-fascista estadunidense.

O Projeto 2025 tem como estratégia o fim do que chamam de “estado profundo”, identificado como a burocracia estatal. Seu objetivo é estabelecer um “estado mínimo”, com a eliminação de gastos sociais para priorizar os investimentos estatais na defesa do país (quer dizer, na indústria armamentista) e a eliminação das legislações trabalhistas e ambientais para que a livre iniciativa privada (ou seja, os monopólios) reinem de forma absoluta.



Manifestação nos Estados Unidos pela liberdade de Mahmoud Khalil

Ataques aos direitos democráticos e de igualdade

Já nas primeiras horas de seu novo governo, Trump revogou várias ordens executivas que promoviam a igualdade LGBTQIA+ e emitiu novas ordens para o fechamento dos programas de diversidade do governo federal, colocando seus funcionários em licença remunerada. *“Porei fim à política governamental de tentar incorporar socialmente a raça e o gênero em todos os aspectos da vida pública e privada. Vamos forjar uma sociedade que não enxergará duas cores e será baseada no mérito. Será política oficial dos EUA que existam apenas dois gêneros, masculino e feminino”,* anunciou Trump.

Numa verdadeira cruzada contra as pessoas trans proibiu a presença de mulheres trans em prisões femininas e banuiu soldados transgênero do Exército. A almirante Linda Fagan, primeira mulher a liderar uma das seis Forças Armadas dos Estados Unidos, foi demitida sumariamente do cargo de chefe da Guarda Costeira.

Com estes ataques, Trump coloca em prática a chamada "revolução do senso comum", um dos pilares da política da direita pró-fascista e do Projeto 2025.

Numa outra frente de ataques aos direitos democráticos, Trump ordenou a prisão de Mahmoud Khalil, um dos líderes do movimento estudantil pró-Palestina na Universidade de Columbia, que foi centro das ocupações promovidas pela juventude contra a guerra genocida de Israel, no ano passado. Khalil é palestino e tem visto permanente (green card) nos Estados Unidos, além de ser casado com uma mulher estadunidense.

Após cortar US\$ 400 milhões em bolsas e contratos da Universidade de Columbia, Trump anunciou: *“Todo o financiamento federal irá PARAR para qualquer faculdade, escola ou universidade que permita protestos ilegais. Agitadores serão presos/ou enviados permanentemente de volta ao país de onde vieram. Estudantes americanos serão expulsos permanentemente ou, dependendo do crime, presos.”* E o Secretário de Estado,

Marco Rubio, completou: *“Revogaremos os vistos e/ou green cards de apoiadores do Hamas na América para que eles possam ser deportados”.*

No próximo artigo desta série, analisaremos as repercussões e respostas na luta de classes à ofensiva do governo Trump, que já estão ocorrendo nos Estados Unidos e no mundo.



Manifestantes protestam contra a morte de George Floyd, em frente à Casa Branca, em 1 de junho de 2020. Os protestos foram decisivos para a derrota de Trump nas eleições daquele ano.

A “esquerda” e a “direita” diante das alterações na política de censura da Meta



As recentes alterações na política de monitoramento do Facebook e Instagram, anunciadas pelo todo poderoso chefe da Meta, Mark Zuckerberg, desataram uma polêmica entre os defensores da “liberdade responsável”, vinculados à “esquerda”, versus os defensores da “liberdade irrestrita”, irmanados à “direita”. Enquanto a “esquerda” esbraveja contra o que chama de “retrocesso” no combate às “fake news” e “discursos de ódio”, a “direita” comemora o “avanço” em direção à liberdade de imprensa. É preciso desmascarar estes farsantes de “esquerda e direita”, à luz da análise marxista.

1) O monitoramento que estava vigente na Meta antes do anúncio das novas medidas era uma censura ideológica a serviço do capitalismo-imperialismo. Seria possível fazer uma lista enorme de fatos que comprovam isso. Vamos tomar como exemplo uma denúncia feita por um “insuspeito” órgão da imprensa burguesa britânica, a BBC: o acobertamento

do genocídio de Israel em Gaza. Os dados do artigo da BBC “Cómo Facebook e Instagram restringen las noticias que los periodistas palestinos publican desde Gaza” (<https://www.bbc.com/mundo/articles/c791v77dlg5o>) são irrefutáveis. No artigo ““The Cleaners”: los “limpiadores digitales” que deciden lo que ves (y lo que no ves) en internet” (<https://www.bbc.com/mundo/noticias-47639076>), que utiliza informações do documentário do mesmo nome, da Netflix, há também bastantes informações que comprovam a censura imperialista feita pelos monopólios das redes sociais. Outro exemplo é o fechamento de 2 páginas de Facebook do GOI, desde nossa fundação, em 2017. Recentemente foi fechado o canal da Nova Democracia no YouTube, rede social do Google. Sem nenhuma justificativa por parte destes oligopólios.

2) Estes fatos revelam a verdade escondida sob a política de “controle democrático e responsável” sobre os monopólios burgueses de informação e comunicação de massas, defendida pela “esquerda”. Isso não passa de um acobertamento da democracia burguesa (a ditadura “democrática” da burguesia) feito pela frente popular, pelo reformismo sindical e parlamentar, o reformismo identitarista e o “marxismo” acadêmico. Estes setores que publicaram o manifesto “Carta contra o fim do monitoramento da Meta” (https://www.estadao.com.br/link/cultura-digital/organizacoes-e-centros-de-pesquisam-publicam-carta-contr-o-fim-da-moderacao-de-conteudo-da-meta/?utm_source=estadao:app&utm_medium=noticia:compartilhamento).



3) Do outro lado, temos a farsa da defesa da liberdade de expressão feita por Zuckerberg, Musk, Trump, Milei, Bolsonaro et caterva. Como Hitler e Mussolini, a ultra direita pró fascista utiliza as liberdades burguesas democráticas para ter as mãos livres para sua pregação ideológica reacionária e para organizar seus bandos e manifestações racistas, machistas, lgbtfóbicos, xenófobos, com o objetivo de chegar ao poder e se consolidar nele, para, em seguida, esmagar as liberdades democráticas e as organizações do proletariado e do povo oprimido. Esta é a verdadeira motivação e estratégia por trás do discurso “libertário” destes canalhas.

4) O monopólio dos meios de comunicação de massas é um dos pilares de sustentação do Estado burguês, em todas as suas formas de regime político, desde os democráticos burgueses até os fascistas. O surgimento dos novos oligopólios da era da internet (Meta, X, Tik Tok, Google etc.) reforçaram ainda mais o controle que era exercido pelos meios de imprensa e de comunicação tradicionais (jornais, rádio, tv, cinema). Mais que isso, pela primeira vez na história, estes novos meios (redes sociais) adquirem um caráter mundial, sobrepondo-se aos limites dos Estados nacionais.

5) A política dos reformistas de estabelecer controles e impor limites aos meios de comunicação de massas burgueses e imperialistas é uma farsa grotesca e impotente. A propaganda racista, machista, lgbtfóbica, xenófoba e antiproletária feita pela extrema direita e pelos setores degradados moralmente da população não para de crescer. O mesmo ocorre com todos os tipos de pornografia, inclusive infantil, o tráfico de mulheres e crianças, a apologia às drogas etc.. Estes problemas derivam da degeneração terminal do sistema capitalista-imperialista e não podem ser, nem serão resolvidos através de medidas superestruturais de controle sobre os meios de comunicação de massas. A defesa da “censura democrática e responsável” feita pela esquerda frente populista tem ainda o “mérito” de deixar a bandeira da liberdade de expressão nas mãos da ultra direita para que a manipulem em função de seus objetivos contrarrevolucionários. Ao mesmo tempo em que delegam a tarefa de controle (censura) das redes sociais ao Estado burguês opressor, endeusando figuras como o ministro do Supremo Tribunal Federal, Alexandre de Moraes, o Xandão, como o “xerife” e “guardião” dos direitos democráticos do povo oprimido. Quadro grotesco!

6) Uma verdadeira liberdade de imprensa só poderá existir numa sociedade livre, sem exploração, nem opressão. Sociedade socialista e comunista que só poderá vir à luz quando a humanidade passar do “reino da necessidade para o reino da liberdade”, como disseram Marx e Engels. Isso pressupõe a destruição revolucionária do capitalismo-imperialismo através da ditadura revolucionária e democrática do proletariado em nível mundial e a socialização sob controle do proletariado dos meios de produção e distribuição, entre eles, os meios de comunicação de massas. Esta é a nossa estratégia fundamental e decisiva.

7) Neste sentido, durante nossa longa e dura luta contra a burguesia e o imperialismo, devemos ser defensores intransigentes da mais irrestrita liberdade de expressão e comunicação, contra todo e qualquer tipo de controle e censura sobre o que se fala e o que se escreve, seja feita pelo Estado, pelos oligopólios ou por supostas “organizações independentes”. Quando chegarmos ao poder, devemos colocar em prática um programa de verdadeira liberdade democrática, que poderá ser limitado pela decisão dos organismos da democracia operária do Estado Proletário, a partir das necessidades objetivas da luta de classes. Nossos parâmetros históricos são as liberdades democráticas estabelecidas durante os curtos períodos em que o proletariado governou a sociedade, durante a Comuna de Paris (março a maio de 1871), e os primeiros anos da Revolução Russa de 1917 (antes da degeneração estalinista).

8) Paralelamente a esta propaganda marxista, socialista e revolucionária, devemos defender o fim dos monopólios e oligopólios dos meios de comunicação de massas,

apoiando as medidas que apontem, mesmo que de forma limitada, para a quebra do monopólio da Meta, X, Google, Tik Tok etc., na direção da expropriação destas empresas.

9) A disputa entre a esquerda domesticada e a ultradireita pró fascista sobre a questão do controle sobre as redes sociais emite também um alerta a todas as organizações e ativistas que se reivindicam revolucionários, socialistas e defensores do povo oprimido e que se estruturam e organizam de forma prioritária através das redes sociais. Estes setores parecem acreditar que vivemos no “reino da liberdade” da internet e das redes sociais. Nada mais falso! As relações entre o trabalho político nas redes sociais e o realizado de forma direta e presencial junto ao proletariado, e o peso relativo de cada um, é uma questão vital para as organizações que se reivindicam revolucionárias.



VOZ D@S OPRIMID@S

A luta contra o racismo é internacional



No dia 21 de março, o GOI-Palavra Operária participou do Ato pelo Dia Internacional de Luta Contra a Discriminação Racial, realizado em frente ao Largo de São Francisco e da Secretaria de Segurança Pública, em São Paulo, convocado pela Marcha das Mulheres Pretas, Movimento Negro Unificado e várias organizações da luta antirracista.



Foto: Abraão Cruz



Foto: Daniel Arroyo

Nós, a maioria negra, destacamos o racismo que mata com a mão da polícia a juventude pobre e negra; o racismo que paga os piores salários para a população preta e que

confere as piores condições de vida e de trabalho, destacando aqui os trabalhos precarizados e as exaustivas jornadas que não asseguram o descanso, como a escala 6x1.

Ainda nesta data, não podemos deixar de denunciar o racismo no Brasil contra a população indígena.

Destacamos no marco da luta internacional contra a discriminação racial, o massacre na Palestina, promovido pelo Estado Racista de Israel, que já matou, desde 2023, mais de 60 mil palestinas e palestinos. A defesa do povo palestino é também uma luta antirracista.

As armas que matam nossa juventude pobre, preta são compradas ao Estado de Israel pelos governos brasileiros, municipais, estaduais e federal. Ao mesmo tempo que o petróleo brasileiro contribui para o genocídio promovido por Israel em Gaza. Por isso, exigimos que Lula rompa relações comerciais, políticas, acadêmicas e diplomáticas com o Estado de Israel.



A luta do povo palestino foi lembrada no ato

O imperialismo de Trump intensifica o racismo

O imperialismo em crise intensifica a opressão e exploração da classe trabalhadora em todo o mundo: recolonização de países, retirada de direitos, exploração e destruição da natureza e dos recursos naturais. A maioria da população mundial é não branca, e é tratada pela burguesia como escória, ao mesmo tempo que a repressão à organização e à luta se intensifica.

Trump, que, em 2020, foi derrotado pelas manifestações antirracistas contra o assassinato de George Floyd pela polícia estadunidense (que persegue e mata sistematicamente negras, negros e imigrantes), retorna ao comando dos EUA, em 2025. Já intensificou a política racista e colonialista, com a prisão e deportação de imigrantes (na maioria não brancos latinoamericanos, chineses e hindus), a perseguição às/aos LBTTQIAPN+, o desmonte das políticas de igualdade étnica e racial, as ameaças de anexação de países e regiões (México, Canadá, Groenlândia). E mantém os Estados Unidos como principal aliado político e econômico de Israel em sua política de limpeza étnica e colonização de

Gaza, junto com Netanyahu. A prisão do estudante palestino Mahmoud Khalil, um dos organizadores dos protestos nas universidades americanas em defesa do povo palestino, é outro ato racista de Trump.

Militarização das escolas e guardas civis

Para a burguesia e o imperialismo, o exército e a Polícia Militar são insuficientes. O Supremo Tribunal Federal aprovou a militarização das Guardas Civis Municipais, abrindo as portas para que as Câmaras Municipais em todo país, como a de Taboão da Serra, que não hesitou em aprovar, por unanimidade, em regime de urgência, a militarização da GCM.

Não podemos deixar de destacar o papel de repressão e morte que cumprem as seguranças privadas, como evidenciam vários casos de perseguição e assassinatos racistas ocorridos em grandes redes comerciais.

O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, aprovou na Assembleia Legislativa, em maio de 2024, o projeto das Escolas Cívico Militares. Nesta semana o governador retomou o processo de “consulta” nas escolas para implantação do projeto, após o STF derrubar uma liminar que o havia barrado temporariamente. A Apeoesp (Sindicato dos Professores da Rede Estadual de SP) denuncia que esta “consulta” é totalmente antidemocrática, sem nenhuma transparência nem controle pela comunidade escolar.

Nas escolas cívico militares, policiais reformados serão parte da gestão das escolas públicas, dando aulas de “civismo”, e ficando responsáveis pelas questões de disciplina dos/as alunos/as. Sem qualquer preparo pedagógico, estes militares reformados vão intensificar a repressão dentro das escolas às liberdades democráticas, ao pensamento crítico, à cultura periférica, às formas de se vestir e usar o cabelo, entre outras. A repressão da PM que ocorre cotidianamente nos bairros proletários das periferias, agora querem colocar dentro dos muros das escolas. Organizar a juventude para derrotar o projeto de Tarcísio é tarefa de todas e todos que lutam contra o racismo.

Outra luta que precisa ser fortalecida é a luta contra as jornadas de trabalho escravocratas, como a famigerada escala 6x1. A reforma trabalhista e previdenciária, feitas nos governos de Temer e Bolsonaro, colocaram a classe trabalhadora brasileira (cuja maioria é preta), em condições de trabalho ainda piores, adoecedoras, insalubres e mal pagas, sem perspectiva de aposentadoria.

A eleição do governo Lula-Alckmin gerou grandes expectativas de mudança entre a maioria da classe trabalhadora, sobretudo negras e negros, mas a política de conciliação com a burguesia e o imperialismo aplicada por Lula, o PT e seus aliados impede qualquer melhoria das condições de vida e de trabalho para o proletariado. E impede, portanto, a luta consequente contra o racismo.

Mães de jovens assassinados denunciam racismo da PM e exigem Justiça

A truculência repressiva da PM de São Paulo mostra toda sua crueldade nos inúmeros assassinatos de jovens pobres e pretos nos bairros periféricos. A quase totalidade dos militares (a começar pelos comandantes) responsáveis pelas chacinas, como a dos 9 de Paraisópolis e muitas outras, seguem impunes. Movimentos de Mães e familiares exigem Justiça.



Sandra de Jesus, mãe de Luiz Fernando, e Dona Deusa, mãe de Thiago, manifestam sua luta por Justiça

Unificar a luta contra o racismo com o conjunto das lutas da classe trabalhadora

- Fim das operações policiais que enquadram e matam!
 - Contra a Militarização das GCM!
 - Abaixo as escolas cívico militares!
 - Fim da escala 6x1 e Redução da jornada de trabalho para 36h semanais, para criação de mais empregos.
 - Contra o genocídio do Estado de Israel em Gaza. Palestina livre!
 - Que Lula rompa todas as relações com Israel!
 - Abaixo as políticas racistas e colonialistas de Trump!
-

Luta contras as escolas cívico militares

MANIFESTO CONTRA AS ESCOLAS CÍVICO MILITARES

EM TABOÃO DA SERRA

Manifesto dos Movimentos Sociais e da Sociedade Civil de
Taboão da Serra contra o Projeto de Lei 009/2025

Nós, entidades e pessoas dos movimentos sociais e da sociedade civil de Taboão da Serra, manifestamos nosso veemente repúdio ao Projeto de Lei 009/2025, que autoriza a implementação do Programa Escolas Cívico-Militares no sistema municipal de ensino. Consideramos que tal medida representa um retrocesso significativo na educação pública de nossa cidade.

A militarização das escolas contraria os princípios de uma educação pública democrática ao impor uma disciplina rígida e hierárquica, limitando a liberdade pedagógica e a autonomia escolar. Entendemos que a Polícia Militar de SP, uma instituição estatal marcada por um histórico de repressão às lutas do povo trabalhador, responsável por agressões cotidianas e pelo assassinato de inúmeros jovens, sobretudo negros, nas periferias, teria como função dentro das escolas o aumento do controle e da repressão sobre a juventude e os trabalhadores da educação.

Repudiamos a forma antidemocrática com que a maioria dos vereadores da Câmara Municipal aprovou este projeto a toque de caixa, sem nenhuma discussão com os trabalhadores da educação, estudantes, familiares e municipais..



Chamamos os sindicatos, movimentos de luta contra o racismo, o machismo e a LGBTfobia, movimentos populares, partidos e entidades democráticas a se unirem na luta pela revogação deste projeto autoritário. Exigimos que o Prefeito Engenheiro Daniel vete o projeto aprovado pela Câmara e que seja realizado um amplo debate com a comunidade sobre os rumos da educação em nossa cidade.

Movimentos Sociais e Entidades da Sociedade Civil de Taboão da Serra e Região

Aponte sua câmera e assine nosso manifesto



<https://forms.gle/unKf4yZgpbZTcKP7>





Panfletagem nas escolas estaduais contra o projeto de militarização das escolas

Manifestação na Câmara de Vereadores de Taboão, em 18/2, reuniu várias entidades



As políticas de privatização e terceirização dos serviços públicos avançam de forma acelerada nos estados e municípios. As consequências são a piora dos serviços essenciais prestados à população. Destacamos nos artigos abaixo outra consequência danosa que é a extrema precarização do trabalho enfrentada pelas trabalhadoras e trabalhadores contratadas/os pelas empresas terceirizadas, que, via de regra, atrasam pagamentos e dão calotes nos salários e direitos trabalhistas, acobertadas pelo Estado.

📍 **Jaguariúna/SP**

Profissionais da Saúde levam calote da ASAMAS, Prefeitura e Câmara Municipal



Trabalhadoras/es da ASAMA fazem protesto diante da Prefeitura, em 25/11/2024 . Foto: CBN Campinas

Trabalhadoras e trabalhadores da Saúde de Jaguariúna, empregados pela ASAMAS (Associação Santa Maria de Saúde), foram surpreendidos no final do ano passado com a informação de que a prefeitura não mais manteria o contrato com esta Associação. Já havia fortes boatos de corredores de que a ASAMA estava falindo, com a saída de funcionários do alto escalão da empresa.

São auxiliares, técnicas e técnicos de enfermagem, enfermeiras e enfermeiros, médicos e profissionais do administrativo, em sua maioria com muitos anos de trabalho, pois este contrato da ASAMAS com a prefeitura de Jaguariúna datava de 20 anos. Totalizando mais ou menos 700 profissionais.

A insegurança e falta de perspectiva tomou conta das trabalhadoras e trabalhadores que fizeram muitos dias de mobilização para denunciar a situação e queriam iniciar uma paralisação. O sindicato que passou a representar a categoria, o SinSaúde (Sindicato dos Trabalhadores da Saúde de Campinas e Região, aparentemente vinculado à UGT (União Geral dos Trabalhadores) foi contra, alegando não haver falta de pagamento e, portanto, sem motivo para greve.

Em dezembro, a prefeitura de Jaguariúna abriu licitação para escolha da empresa que passaria a assumir no lugar da ASAMAS no Hospital Municipal Walter Ferrari, Centro de Especialidades Médicas e UPA. Sem nenhuma explicação, a empresa que ganhou a licitação, a Santa Casa de Misericórdia Regional, com sede em Cosmópolis não assumiu a prestação de serviço. O novo contrato foi firmado com a Associação Beneficente Cisne, que receberá R\$ 8.200.000,00 (oito milhões e duzentos mil) mensais dos cofres públicos.

Pouquíssimos foram as/os profissionais de saúde demitidos pela ASAMA que foram recontratados pela Cisne. Assim, a maioria delas/es tiveram o dia 31/12/2024 como último dia de trabalho. Uma situação de completa insegurança e ilegalidade. Até meados de março os contratos não haviam sido encerrados. Sem homologação, com a carteira em aberto, sem o acerto de contas das verbas rescisórias, as trabalhadoras e trabalhadores ficaram à mercê. Tanto a ASAMAS quanto a Prefeitura de Jaguariúna não se sentiram na obrigação de quitar os compromissos financeiros com as/os profissionais de Saúde.

No dia 13 de março, o SINSAÚDE anunciou para 17/3 um "Mutirão para entrega de rescisão de contrato e informe de rendimentos de 2024", num cartaz em que um homem e uma mulher sorriam, apontando os dedos indicadores, ao lado da inscrição "Atenção, trabalhador da ASAMAS". Ou seja, o sindicato, em mutirão, vai entregar a rescisão atrasada de quase três meses da ASAMAS com caras sorridentes. E sem o acerto financeiro, que a ASAMAS alega não ter recursos para fazer. Um absurdo! Após ser confirmado o calote dado pela ASAMA e pela Prefeitura, o SinSaúde está propondo às/aos demitidas/os entrar na Justiça para cobrar seus direitos trabalhistas. Mas, a maioria não tem confiança neste sindicato.

Qual conclusão devem tirar as trabalhadoras e trabalhadores?

Trata-se de um verdadeiro calote em trabalhadoras e trabalhadores, chefes de família, estudantes, que trabalham cuidando, zelando e salvando vidas durante anos, e estão passando pela tragédia de serem surpreendidos pela perda do ganha pão. Que têm compromissos financeiros com alimentação, aluguel, transportes, despesas médicas, mensalidades escolares, etc.

Calote da ASAMAS, que, segundo informações publicadas pela CBN Campinas (<https://portalcbncampinas.com.br/2024/11/funcionarios-da-saude-de-jaguariuna-fazem-protesto-contra-possiveis-700-demissoes/>) tem uma dívida trabalhista de R\$ 33.098.515,78, FGTS, aviso prévio, multa do FGTS, férias, entre outros direitos trabalhistas dos funcionários demitidos.

Calote da Prefeitura e da Câmara de Vereadores de Jaguariúna, que não se responsabilizam pelo correto emprego dos recursos públicos para honrar compromissos trabalhistas.

Calote da Justiça, que permite um absurdo destes, e do Sindicato que não promoveu nem apoiou a correta luta da categoria que queria paralisar as atividades antes de serem jogadas e jogados na rua, em novembro/dezembro de 2024.

Só as lutas das trabalhadoras e trabalhadores, que utilizam os serviços públicos e das/dos que nele trabalham têm condição de colocar fim a esta farra e parasitismo de empresas, sobre os recursos públicos, patrocinadas por governos e políticos (por elas financiados), com a conivência da Justiça Burguesa e dos Sindicatos Pelegos.

 **Taboão da Serra**

Prefeitura e ODIN dão calote em agentes de apoio escolar



Funcionárias/os protestaram na Câmara Municipal no dia 11 de fevereiro. Foto: O Taboanense.

Na privatização e terceirização à todo vapor dos serviços públicos em Taboão da Serra, a prefeitura e a empresa contratada ODIN vem dando escancarados exemplos do que é parasitar a administração e recursos públicos prejudicando trabalhadoras e trabalhadores.

Em início de 2024, o governo Aprígio (Podemos), avançando com a privatização e a terceirização na Educação Municipal, firmou contrato com a empresa ODIN, que passou a contratar Agentes de Apoio Escolar para o trabalho de acompanhamento/auxílio/atenção às crianças com deficiência, no cotidiano das salas de aulas das EMEFs (ensino fundamental I). As/os Auxiliares de Classe, que até então eram responsáveis por este trabalho, foram transferidas/os sumariamente para as EMIs (creches), para realizarem este mesmo trabalho, com salários base abaixo do mínimo, sem vale transporte e com uma cesta alimentação de menos de 300 reais.

Em 2024, a empresa ODIN atrasou em 7 dias o pagamento do mês de junho. Segundo relato de trabalhadoras e trabalhadores, o pagamento do vale transporte tem sido feito com atrasos sistemáticos. A desagradável surpresa foi o não pagamento do primeiro salário do ano de 2025, que deveria ter sido efetuado em 31/1. No dia 11/2 foi necessário a realização de um protesto na Câmara Municipal, das/dos Agentes de Apoio Escolar, para denunciar este descaso e falta de respeito. Qual a surpresa? A prefeitura não havia feito o repasse dos valores, cujos motivos foram publicados na Imprensa local: *"Segundo o prefeito, a Prefeitura ainda não havia feito o repasse à empresa devido à falta de esclarecimentos e conversas com a administração da Odin. No entanto, ele informou que, nesta quinta-feira, a empresa finalmente realizou a reunião com a prefeitura, permitindo a regularização da situação financeira."* (Publicado no Jornal Na Net).

Detalhe: a prefeitura teve o governo de transição e todo o mês de janeiro para fazer "os esclarecimentos e conversas com a administração da ODIN", mas preferiu atrasar os repasses e atrasar os salários das trabalhadoras e trabalhadores em 13 dias, bem como o pagamento do vale transporte. Ou seja: prefeitura do Taboão e a ODIN dão calote nas/os

Agentes de Apoio Escolar!

A falta de respeito com trabalhadoras e trabalhadores é absurda! São mães, pais de família e jovens que cumprem o seu contrato de trabalho para viver a insegurança se haverá salário no final do mês para pagar as contas e boletos, depois de terem cumprido rigorosamente suas obrigações no trabalho. Por estas e outras afirmamos que a terceirização lesa os cofres e recursos públicos e prejudica a população trabalhadora que depende dos serviços públicos. Tudo isso para beneficiar empresas como a ODIN.

📍 São Paulo

Greve nas escolas municipais



Funcionárias/os terceirizadas/os da limpeza de pelo menos três escolas da região do Butantã, zona oeste da cidade de São Paulo (SP), entraram em greve no dia 21/3 para protestar contra o atraso de duas semanas no pagamento do Vale Alimentação.

Na maioria mulheres, têm contrato com a empresa Lume, que faz parte do grupo Life Service.

Manifestamos nosso total apoio!

STF legaliza calotes de terceirizadas e prefeituras



No momento em que trabalhadoras e trabalhadores de Jaguariúna, Taboão da Serra, São Paulo e tantos outros municípios e estados em todo o país (leia artigos acima) sofriam calotes de empresas terceirizadas, Prefeituras e Câmaras Municipais, o mais alto tribunal do país votava a favor da legalização destas falcatruas.

Em decisão tomada no dia 13 de fevereiro passado, o Supremo Tribunal Federal (STF) determinou que *“não é responsabilidade da administração pública provar má conduta de empresa terceirizada. Quem deverá comprovar eventuais problemas é o próprio funcionário”*. E que *“a administração pública só pode ser responsabilizada por dívidas trabalhistas de empresas terceirizadas se ficar comprovado que houve negligência do poder público na fiscalização do contrato”*.

Esta absurda decisão legaliza na prática os calotes feitos por empresas como a ASAMA, de Jaguariúna, e a ODIN, de Taboão da Serra, com o conluio das Prefeituras e Câmaras Municipais. Ora, se uma empresa como a ASAMA acumula uma dívida trabalhista de mais de R\$ 33 milhões com seus funcionários, é óbvio que houve negligência dos órgãos públicos responsáveis pela fiscalização, a Prefeitura e a Câmara Municipal. Negligência ou coisa pior, como é bastante sabido!

Os digníssimos magistrados que votaram a favor deste descalabro foram: Nunes Marques (relator), Cármen Lúcia, Luiz Fux, Alexandre de Moraes, André Mendonça e Luís Roberto Barroso. O único que votou contra foi Edson Fachin, que alegou o óbvio: *“o ônus não pode cair sobre o trabalhador, cabendo à administração pública, que detém todos os meios legais e institucionais para isso, dever legal de fazer prova que agiu de acordo com a lei na contratação e nos momentos próprios de fiscalização”*.

Mais uma vez fica provado o conluio geral de empresários caloteiros, acobertados pelos governos e políticos e respaldados pelos juízes.



Grupo Operário Internacionalista

*Palavra Operária é uma publicação do GOI. Um jornal independente e de luta contra os patrões, governos e pelegos dos sindicatos, para dar voz às trabalhadoras e trabalhadores na luta por melhores condições de trabalho e de vida, por uma Sociedade Socialista.
Conheça e se organize no GOI.*

Acesse nossas redes sociais:

<https://linktr.ee/goibrasil>



Faça contato: palavraoperariajornal@gmail.com